

Entre o viver da personagem, o seu outro e o narrar do narrador: a construção do sujeito em *O conquistador*, de Almeida Faria

MARIA LUÍZA RITZEL REMÉDIOS
PUCRS



Resumo: Em *O conquistador*, de Almeida Faria é possível discutir a identidade do sujeito revelada através da escrita, uma vez que as narrativas autobiográficas ficcionais são marcadas pela emergência do sujeito identificado enquanto sujeito no mundo. Nesse sentido, o sujeito emerge a partir do voltar-se sobre si mesmo e do despertar da consciência e, configurado na e pela narrativa, funciona ao mesmo tempo como orientador e juiz de si e de suas ações.

Palavras-chave: Literatura portuguesa; Almeida Faria; Sujeito, Narrativa

Abstract: In *O conquistador*, by Almeida Faria it is possible to discuss the subject's identity that is revealed through writing, since the fictional autobiographical narratives are marked by the emergence of the subject identified as individuals in the world. Accordingly, the subject emerges from turning on itself and the awakening of consciousness, and set in the narrative, this subject works both as adviser and judge themselves and their actions.

Keywords: Portuguese literature; Almeida Faria, Subject, Narrative

Pouco sabemos dos outros, pouco sabemos de nós. Há, entre nós e os outros, mesmo os mais próximos – como entre nós e nós – uma porta de Parmênides que [...] nos dificulta o acesso à verdade, à verdade dos outros, à nossa verdade.

(ALMEIDA FARIA, *Sobre Mário Botas*).

Por muito que me agrade a travessia dos anos passados, sou obrigado a reconhecer que não me trouxeram senão ao ponto de onde parti. E não me refiro só à geografia; o percurso por dentro de mim ainda avançou menos. Continuo ignorando quem sou eu. Se fui quem hoje julgo ser, se sou quem dizem que fui, se nunca serei mais que não saber quem sou ou quem serei ...

(ALMEIDA FARIA, *O Conquistador*. p. 130)

Paul Ricoeur, nos três volumes de *Temps et récit*,¹ discute a questão da representação da ação, afirmando que ela implica um enraizamento vivencial, ou seja, implica uma pré-compreensão do agir humano que une escritor e leitor. Encontra-se aqui, o sentido e a ligação ao real da narrativa de ficção: a narrativa só faz sentido e é compreensível na medida em que lhe subjaz a ação humana que ela pretende configurar. Essa discussão persiste em *O si-mesmo como outro*² quando o filósofo situa a questão da subjetividade num contexto que se constrói sobre o “fundo de uma pluralidade mais radical que qualquer outra, a saber, a das significações do ser”,³ destacando que a ontologia do ser “abre por sua vez um espaço de variações de sentido difícil de fixar através de suas expressões históricas múltiplas”.⁴ Perseguindo a ideia de mediação do mundo através da arte e da

narração, observa-se que as narrativas pessoais tornam-se procedimentos não só de exploração dos meandros do eu, como também são reveladores da busca constante pelo povo ibérico da sua identidade cultural.

Para Nelson Vieira⁵ a hermenêutica cultural,⁶ proposta por Paul Ricoeur, paralelamente à concepção dinâ-

¹ RICOEUR, Paul. *Temps et récit* I. Paris: Seuil, 1983; *Temps et récit* II. Paris: Seuil, 1984; *Temps et récit* III. Paris: Seuil, 1984.

² RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como outro*. Trad. Luci Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1991.

³ Idem. *Ibidem*. p.28.

⁴ Idem. *Ibidem*. p. 32.

⁵ VIEIRA, Nelson. Le “moi qui voit”: L’auto-interprétation et la connaissance narrative dans le roman brésilien. In: LAPLANTINE, F., LÉVY, J., MARTIN, J-B. e NOUSS, A. *Récit e connaissance*. LYON: Presses Universitaires de Lyon; Monfort & Villeroy, 1998. p. 148.

⁶ A hermenêutica cultural proposta por Paul Ricoeur em sua filosofia, é desenvolvida em *Temps et récit*, I, II, III, e discutida em *O si-mesmo como outro*.

mica e discursiva de cultura, torna-se importante para compreender-se por que grande número de ficcionistas revisa suas ideias sobre cultura e identidade nacional. Essa abordagem sugere o reconhecimento da interpretação cultural num contexto de pluralidade na maneira de conceber a cultura, no sentido “da exploração da identidade e da alteridade na escala do indivíduo e na da cultura e da nação”.⁷ Ricoeur debruça-se sobre o terreno do si e do eu demonstrando como a prova, o testemunho, o reconhecimento, aceitam a palavra daquele que fala, sem que o discurso do protagonista seja considerado nem como um absoluto, nem como uma doxa. Explicitando o papel de mediação da literatura que permite tomar a ideia do múltiplo e que permite ver como o si contesta um sentido interpretativo rígido, o filósofo francês aponta a dialética do mesmo e do outro e a polissemia da alteridade, destacando, também, “a diversidade de sentido que derrota a ambição e fundamentação, última característica do *cogito*”.⁸

Como o sujeito está inscrito na dimensão da História, diz Ricoeur que, ao fazer a narrativa sobre si-mesmo, o sujeito toma consciência da sua própria identidade e descobre que a sua história faz parte da história dos outros. A identidade pessoal e cultural é, portanto, uma identidade narrativa, realizando um duplo movimento da interiorização da sua própria memória e da exteriorização para, ou na, memória dos outros. Desse modo, as narrativas personalistas, centradas no eu, ajudam a libertar o autor de seu ego narcísico, egoísta e mesquinho, possibilitando a construção de um sujeito-pessoa cuja unidade não é substancial, mas relacional.⁹ Trabalhando com a noção de tempo e narrativa, Ricoeur analisa a identidade narrativa como ordenação do caos interior e da incerteza, apontando que ela se forma através da escrita e, mais ainda, na manifestação da mesmidade (permanência da personalidade no tempo) e da ipseidade (propriedade reflexiva do si). Desse modo, a identidade que se revela como ato de escrita, está essencialmente ligada não só à capacidade reflexiva, mas à dialética da ipseidade e da mesmidade e, na ipseidade encontra-se a alteridade.

Sob tal perspectiva todos os textos contêm traços mais profundos ou mais superficiais da identidade do sujeito, na sua estruturação. Nesse caso não se refere mais à presença do eu-autor como determina Phillipe Lejeune,¹⁰ quando trata do pacto autobiográfico, “pois ao ‘eu que vê’ enquanto sujeito, objeto ou outro, se somam a identificação do autor e aquela do leitor com a alteridade”.¹¹ Ricoeur ao pensar a alteridade aponta para seu caráter polissêmico e complexo, evidenciando a sua densidade. Desse modo, nas narrativas retrospectivas, em primeira pessoa, o eu que narra, lança-se ao reconhecimento de seu próprio ser, colocando-se em dúvida, ao olhar o que tem feito que ele

seja ou que ele não seja.¹² Evidenciando a identificação do agente da ação, Ricoeur aponta para a dialética que se instaura entre o mesmo e outro subjacente ao relato e que permite dar à história de uma vida a identidade dinâmica de um destino singular (a unidade narrativa de uma vida) sobre o qual se inscreve a visão de uma vida a qual não se circunscreve aos limites do biológico. Ela se configura a partir da ideia que o sujeito faz de si mesmo, tornando-se especificamente humana quando é a vida de um ser livre que a si mesmo se projeta.

Se a identidade do sujeito se revela na escrita, as narrativas autobiográficas ficcionais devem, pois, ser marcadas pela emergência do sujeito identificado enquanto sujeito no mundo, a partir de três aspectos: o sujeito atento a si mesmo; a consciência que tem de si mesmo e do outro; o desvelar dessa consciência. Salienta-se, pois, o sujeito que emerge a partir do voltar-se sobre si mesmo e do despertar da consciência e, configurado na e pela narrativa, funciona ao mesmo tempo como orientador e juiz de si e de suas ações.

Para discutir as questões, acima colocadas, aporta-se na tradição que o discurso personalista tem na Literatura Portuguesa, desde as cantigas de amor e de amigo na Idade Média até a atualidade em textos como *O outro que era eu*, de Ruben A, ou *Cadernos de Lanzarote*, de José Saramago. Almeida Faria foi o autor escolhido, o texto: *O conquistador*.¹³ A obra desse escritor, desde seu primeiro livro publicado, *Rumor branco* (1962) e, principalmente, em *A paixão* (1965), *Cortes* (1978), *Lusitânia* (1980), *Cavaleiro andante* (1983) revela sua preocupação com o sujeito, com o outro, deixando entrever “a transposição entre realista e alegórica da oscilação interna do imaginário português em torno do 25 de abril”,¹⁴ bem como o questionamento ontológico do ser português presente em *O conquistador* (1990). Nesses romances, desenvolvem-se os jogos de fuga e de revelação que compõem a estratégia da construção literária, e revela-se a relação entre auto-interpretação e as questões do si ligada à problemática do sujeito e da subjetividade que persegue a criação literária. Incorpora-se, portanto, Almeida Faria ao conjunto de tantos outros

⁷ VIEIRA, Nelson. Op. cit., nota 06, p. 149.

⁸ RICOEUR, P. Op. cit., nota 03, p. 33.

⁹ Idem, ibidem.

¹⁰ LEJEUNE, Phillipe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

¹¹ VIEIRA, Nelson. Op. cit., p.150

¹² RICOEUR, P. Op. cit., p. 342.

¹³ FARIA, Almeida. *O Conquistador*. Lisboa: Caminho, 1990. [Ilustrações de Mário Botas]. Todas as citações serão retiradas dessa edição, citando-se, no texto, apenas as páginas. [Mário Botas é considerado pela crítica uma das maiores expressões da arte contemporânea e da modernidade portuguesas. Médico psiquiatra, natural de Nazaré, morreu em 1983, aos 30 anos de idade, deixando vultosa obra pictórica.

¹⁴ GOBBI, Márcia Valéria Zamboni. *De fato, ficção – Um exame da ironia como mediadora das relações entre História e Literatura em romances de José Saramago e Almeida Faria*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1997. [policopiada].

autores portugueses que procuram a identidade nacional e manifestam a busca sem fim da nação portuguesa de uma identidade coletiva e da expressão do seu *ethos*.

Em *O conquistador*, romance em primeira pessoa, a fábula, estruturada em sete partes, trata da história da vida de Sebastião Correia e Castro, sujeito narrador, desde seu nascimento, no Cabo da Roca, em 20 de janeiro de 1954, até os vinte e quatro anos quando, depois de ter vivido em Lisboa e Paris, recolhe-se à ermida da Peninha, para refletir sobre sua vida e definir sua identidade. Questionando sobre os fatos que vivenciara desde seu nascimento, o narrador centra seu discurso na consciência, que tem, da necessidade de conhecer-se profundamente para entender não só a si mesmo, mas, também, para compreender a esperança de uma comunidade na volta de seu redentor, D. Sebastião, o Encoberto.¹⁵ Para ter consciência de si, Sebastião Correia e Castro contrapõe sua história a história do “outro” Sebastião, que vivera há quatro séculos antes de seu nascimento, ficando explícita a interlocução que o narrador estabelece com o Encoberto, com sua nação e com diversas outras vozes que constituem o espaço em que ele transita. Embora o discurso narrativo seja aparentemente unívoco, pois é o eu do narrador que conduz a trama, manifesta-se o dialogismo através das “falas” presentes no texto e também por outras vozes não convencionais com as quais interage como as ilustrações de Mário Botas. Além disso, presentifica-se, no texto, o discurso da alteridade em decorrência de variadas situações e mitos que se ligam à questão da sua identidade e da identidade portuguesa.

A ação retrospectiva e subjetiva gira em torno da vida de Sebastião Correia e Castro, mas seu discurso, centrado na consciência de si, transforma a experiência vivida em uma fonte de conhecimento ontológico profundo. Desse modo, o texto se entretetece em um sem fim de questões que tem sempre o mesmo referente: a marca de exceção presente desde a forma insólita do nascimento de Sebastião Correia e Castro até as inúmeras conquistas, principalmente amorosas, que permeiam sua vida. De maneira significativa, a narrativa inicia com o narrador afirmando:

¹⁵ D. Sebastião nasceu em Lisboa, em 20 de Janeiro de 1554, filho do príncipe D. João e de D. Joana de Áustria. Sucedeu o avô D. João III, em 1557, pois o pai havia falecido antes do seu nascimento. Visto ser o único herdeiro português ao trono, desde logo foi instruído para reinar, iniciando-se como rei aos três anos de idade, embora só coroado em 1568. Teve uma educação muito problemática, pois além dos mimos era objeto de ideologias distintas, por um lado a de D. Catarina, sua avó e regente até 1562, cuja política pendia para Espanha, e por outro a do cardeal D. Henrique, seu tio-avô e regente de 1562 a 1568, favorável a uma orientação predominantemente nacional. De temperamento irrequieto e impulsivo, pouco inteligente e com fraca cultura, era, no entanto, muito vaidoso, acreditando que o destino o escolhera para realizar grandes feitos. Daí que nunca tenha ouvido conselhos de ninguém, tenha recusado casar-se e tenha querido ser ele próprio a combater os infiéis em Marrocos. Morreu em 1578, na Batalha de Alcácer-Quibir.

Acreditei muito tempo ter vindo ao mundo de um modo diferente de toda gente. Foi minha avó Catarina – e as avós nunca mentem – quem me meteu essa idéia na cabeça. Costumava contar-me que, num dia de inverno, de manhã cedo, apesar do nevoeiro, o faroleiro João de Castro tina ido à praia e deu comigo metido num ovo enorme, com a cabeça, as pernas e os braços de fora (p.15).

O inusitado fato narrado mais a tempestade que se abate no Cabo da Roca às vésperas do nascimento do narrador marcam fortemente sua vida, criando nos habitantes da região a “convicção de que não seria causal a coincidência de el-Rei D. Sebastião e eu termos vindo ao mundo no dia do santo do mesmo nome” (p. 19). As coincidências com o rei não ficam apenas nesses fatos, mas também em outros, como a semelhança física: “louro, entroncado, de olhos claros, curto o nariz, redonda a cara, a boca de carnudos lábios” (p. 20), ou porque, em suas brincadeiras, o menino criava seres imaginários “com um preciso aspecto físico, com personalidades e nomes distintos” (p. 37), eram “duques e duquesas, condes e condessas, marqueses e marquesas” (p. 38), fazendo com que sua avó e os vizinhos vissem-no como duplo do Rei e, por isso, dessem-lhe a alcunha de Rei da Roca:

A avó, pelo contrário, interpretava meus espetáculos como o mais certíssimo sinal de reencarnação predestinada. Sempre que me apanhava em flagrante diálogo com duques e duquesas, condes e condessas, marqueses e marquesas, Catarina corria a buscar alguém da vizinhança para assistir à maravilha. Assim me alcunharam de Rei da Roca, nome que, quando cresci e comecei a dançar, deformei em Rei do Rock (p. 38).

A constante referência a essa semelhança fê-lo ver o Outro que era ele. Sebastião Correia e Castro é envolvido pelo desejo de conhecer-se e, vinte quatro anos depois de seu nascimento, reconhece que não é a alteridade de D. Sebastião, mas o sentido que ele tem dele mesmo que suscita sentimentos inexplicáveis. A dúvida, a tomada de consciência de Sebastião Correia e Castro surgem, portanto, mais tarde, passada a infância, a qual se é marcada pela mudez do menino (“Miúdo Tartamudo” p. 33) e pelos sonhos e pesadelos que, na economia da narrativa, confirmam o Rei Sebastião como o seu Outro, também é o momento em que o protagonista tem compreensão do sentido. O eu narrador na adolescência, defrontado com o mundo, começa a sentir-se diferente dos outros e a ter preocupação de si como indivíduo. Tendo consciência da dissonância entre ele e o mundo, ele deixa de se ver como o centro do mundo, porque percebe que o mundo é outro que não ele e que deve ser apreendido quando o seu aspecto subjetivo torna-se objeto de experiência e de representação: “Quando cresci e percebi que algo se

esperava de mim, preferi, por instinto, fingir que não era nada comigo. Só muito mais tarde comecei interrogar-me, como agora, quando olho aqui de cima, da Peninha, este mar de janeiro, coberto de tiras de neblina” (p. 19).

Recontando sua história, Sebastião, através de sua experiência, constata a dualidade que se registra em toda sua vida: ele visto por si mesmo e ele visto pelos outros. Ao percorrer o tempo passado através da memória o sujeito narrador não só vai rememorando tempo e espaço como se observa na estruturação da narrativa (nascimento/Cabo da Roca, infância/Azóia, adolescência/Sintra e Lisboa, juventude/Paris) como também procura no isolamento da ermida da Peninha, fragilizado e fragmentado, isolar-se do mundo que o tomava por Outro para “repensar, até o ameaçador mês de agosto, o que fiz e não fiz de mim” (p. 23). Por isso, no presente narrativo, a atitude do sujeito-narrador é de reflexão:

Sento-me diante desta paisagem, contemplo esta teimosa natureza idêntica a si mesmo e indiferente aos homens tão mutáveis. Uma espécie de paz me faz aceitar quem quer que eu seja, como sou, sem mais... (p. 20)

A viagem a seu interior que Sebastião Correia e Castro iniciara, ao se retirar para a ermida da Peninha, revela um sujeito atento a si mesmo que, ao tomar consciência de si e do outro, procura desvelar-se e alcançar a desconstrução da personalidade do seu eu forjada, no exterior, pelas alusões às semelhanças com D. Sebastião. O narrador não é mais dotado de uma subjetividade imutável, a reflexão que ele faz sobre si mesmo leva-o a passar de uma identidade-*idem* a uma identidade-*ipse*, na qual prevalece a alteridade que ele vê na interlocução que faz com o Outro, bem como com as outras vozes da narrativa que reduplicam as vozes da nação. Isso faz com que uma nova condição do eu se estabeleça. Os sentimentos desse sujeito que se analisa, conduzem à sua desintegração, sem, entretanto, deixar de mostrar que ele encerra o desejo de compreender aquilo que ele é verdadeiramente. Por isso, ele empreende o percurso que passa da infância à adolescência e dessa à idade adulta, revelando seus medos, seus sonhos, “ainda que a cronologia de minha infância nem sempre seja nítida” (p. 35). Cada capítulo retoma uma fase de seu percurso sexual desde as inocentes reações despertadas por Amélia, às elucubrações com a professora Justina, ao amor nunca esquecido de Clara, às experiências-trabalho vividas em Paris, à paixão por Helena, a brasileira, até sua ligação com a avó, insinuada relação incestuosa, pois “a cumplicidade evoluía entre nós para uma intimidade respeitosa. Não do gênero que liga avós e netos, mas do gênero que pode existir entre certos homens e certas mulheres”(p. 95). O sujeito narrador vai apontando sua aprendizagem de vida

e pontecendo as marcas que o separam de D. Sebastião, sendo que uma delas é justamente a questão sensualidade/sexualidade. O texto narrativo revela essa diferença, pois, enquanto Sebastião Correia e Castro era o “conquistador de mulheres”, o Rei tinha “horror ao comércio carnal” (p. 75), tanto assim que sua castidade é referida em correspondência do embaixador espanhol a Felipe II, rei da Espanha, em que diz que “ele nunca deu prova de si, nem tentou sequer, e sofria de tal frialdade nas pernas que as trazia sempre abrigadas” (p. 75)

O outro eu do narrador, o rei de Portugal, é apresentado pela avó Catarina, que é quem sempre vê as semelhanças entre os dois sujeitos, como uma mítica figura:

E Catarina achava que, por S. Sebastião ter sido mártir, o rei meu homônimo se sentiu provavelmente obrigado a lançar-se numa absurda batalha contra os árabes, em pleno deserto, no mês de agosto, sob um sol de quarenta graus. Com arrepiantes requintes, Catarina descrevia o massacre sofrido pelo exército, que incluía milhares de mercenários vindos de variados países. Vendome mortificado, por tão terrível sina, a avó dava-me alento dizendo que um dia o Rei voltaria numa certa madrugada, no meio da neblina (p. 23).

cuja história verdadeira é modelo exemplar de atividade humana e guerreira. Nessa medida, a história de Sebastião é verdadeira segundo os parâmetros da criação ficcional, porque é história de quem busca a explicação de si e do mundo. Sebastião narra a história de sua vida em busca de si e, nessa fase de reflexão, “uma espécie de paz me faz aceitar quem quer que eu seja, como sou, sem mais” (p. 20). Percebe-se a significação de sua vida não só pela narração, mas também por outros elementos discursivos tomados enquanto questões do si, da subjetividade, da alteridade e da mediação, como se pode observar quando Sebastião, avaliando o espaço da ermida para onde se recolhera, “assaltado pelo supersticioso receio de não viver mais que D. Sebastião, e mergulhado na melancolia da precariedade da vida” (p. 23), remete aos primeiros homens que “escolheram este sítio oito séculos atrás” (p. 23), justificando que o fizessem e que o fundador do eremitério tivesse permanecido lá trinta e cinco anos, mas ele, Sebastião, não pretende atingir “tal meta” (p. 23).

De maneira interessante, o discurso pessoal de Sebastião Correia e Castro revela a luta em direção à desmitificação e à despersonalização e provoca uma nova maneira de ver, permitindo que, ao afastar-se ontologicamente de seu antigo eu, ele ultrapasse mitos culturais como o do retorno de D. Sebastião defendido pela ancestralidade portuguesa representada, no texto, por Catarina, sua avó. A despersonalização do sujeito narrador, pois ele abandona a identidade da mesmidade para aprofundar-se na ipseidade, é um processo que se dá lentamente e que o leva a abrir-se para outra forma de

si. Faz então o caminho inverso daquele que percorrera até então, e a única certeza que tem é de “quem não quero ser” (p. 130). Não deseja ser “o simples gozador, o engatão preocupado com a satisfação de sua vaidade, o sedutor de lábia fácil, disposto a qualquer momento a entoar a ‘canção do bandido’” (p. 130), nem o duplo de D. Sebastião que o faz sentir “como se o eu não fosse meu” (p. 132).

Do percurso realizado, o sujeito narrador também tem certeza da dualidade que existe em si mesmo, da distância que se põe entre o que era e o que é. Ontem, descobria a vida; hoje, escreve a sua vida e vê-se um estranho, “como se não me reconhecesse em todas as ações e amores e diálogos de que se diria que fui protagonista ou que simplesmente tomei parte sabendo-me exterior ou excluído” (p. 132). O processo de construção da identidade narrativa se realiza, então, quando Sebastião Correia e Castro entende o outro, dialoga com o mundo que está além do eu. A narrativa avança com um ritmo célere e o eu narrador percebe que sua íntima relação com o mudo e com os outros que o constituem, é um fio que se expressa pela alteridade. Essa alteridade que reflete a despersonalização “enquanto expressão reduzida ao essencial da dessubjetivização de um ego,¹⁶ inscreve-se no texto de forma econômica e simples, mas de “uma significação ilimitada”.¹⁷ “Continuo ignorando quem sou eu. Se fui quem hoje julgo ser, se sou quem dizem que fui, se nunca serei mais que não saber quem sou ou quem serei...” (p. 130).

O texto de Almeida Faria articula o sentido narrativo e a história de vida. Nele o si não se conhece totalmente, permanecendo a dúvida: quem sou eu? A resposta a essa questão se encontra no reconhecimento de que o discurso da alteridade inserido no discurso narrativo é resultado da sua viagem em direção ao seu interior. Tal constatação reforça a proposta de Ricoeur de que o si só se conhece indiretamente através de signos culturais de todas as espécies que articulam a ação do sujeito. Ou dito de outra forma, ao fazer a narrativa sobre si-mesmo o eu descobre que sua história, a dos outros e a da nação constituem uma única história e, mais ainda, a identidade narrativa

realiza-se pelo duplo movimento de interiorização da própria memória do si e de exteriorização na, ou para, a memória dos outros. A busca de identidade de Sebastião Correia e Castro reduplica a busca da identidade da nação portuguesa que desde o século XVI vê no Outro (terras descobertas) o seu eu, constituindo um todo uníssono: o Império português. A par disso, em seu percurso, Portugal como Sebastião descobrem que o Outro não era o si, passam a ter consciência de sua individualidade. Portugal descobre que as colônias de além mar não são Portugal, mas o outro; Sebastião que não era o Rei. O discurso da alteridade emerge, então, do discurso da vida cotidiana de Sebastião Correia e Castro e de Portugal que, é apresentado e desconstruído na narrativa de Almeida Faria. Há, então, no romance do autor português, segundo Ricoeur, uma narrativa que vai além dos limites da literatura ao questionar o sujeito e também a mesmidade descrita na ideologia nacional.

Referências

- FARIA, Almeida. *O conquistador*. Lisboa: Caminho, 1990. [Ilustrações de Mário Botas].
- GOBBI, Márcia Valéria Zamboni. *De fato, ficção – Um exame da ironia como mediadora das relações entre História e Literatura em romances de José Saramago e Almeida Faria*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1997. [policopiada].
- LEJEUNE, Phillipe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.
- RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como outro*. Trad. Luci Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1991.
- RICOEUR, Paul. *Temps et récit I*. Paris: Seuil, 1983; *Temps et récit II*. Paris: Seuil, 1984; *Temps et récit III*. Paris: Seuil, 1984.
- VIEIRA, Nelson. Le “moi qui voit”: L’auto-interprétation et la connaissance narrative dans le roman brésilien. In: LAPLANTINE, F., LÉVY, J., MARTIN, J-B. e NOUSS, A. *Récit e connaissance*. LYON: Presses Universitaires de Lyon; Monfort & Villeroy, 1998.

Recebido: 10 de agosto de 2010
Aprovado: 29 de outubro de 2010
Contato: ritzelrem@puers.br

¹⁶ VIEIRA, Nelson. Op. cit. p. 159.

¹⁷ Idem, ibidem. p. 159.